

classicos 

Aforismos reunidos FRANZ KAFKA

 IMS

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.org](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



clássicos serrote são marcos indiscutíveis do ensaísmo, esse vasto continente da não-ficção cujas fronteiras poderiam ser demarcadas pelo princípio de uma “prosa de ideias”. A coleção, disponível para download sempre gratuito, reúne textos que foram publicados pela serrote e, também, material inédito na revista.

clássicos 

Aforismos reunidos FRANZ KAFKA
INTRODUÇÃO E TRADUÇÃO DE MODESTO CARONE

À memória de Marilene Carone, psicanalista e intelectual, tradutora de Freud.

Apresentação

O *Dicionário etimológico* de José Pedro Machado* informa que a palavra *aforismo* deriva do grego e chegou à língua portuguesa através do latim tardio *aphorismu-*, com o significado de “limitação, breve definição, sentença”. Acrescenta que, com o tempo (já está documentado no século 16), o termo passou a designar “uma sentença breve e indiscutível, que resume uma doutrina”.

Kafka recorreu ao aforismo em suas conversas (por exemplo, com o poeta Gustav Janouch, autor do livro *Conversas com Kafka*, de 1953) e no decorrer de sua carreira como escritor. Uma das principais coleções dessas “sentenças breves e indiscutíveis” foi publicada no pequeno livro póstumo *Er [Ele]*, a partir das anotações dos diários que o escritor manteve de 1909 a 1923-24.

Do outono de 1917 até a primavera de 1918, o pensador de Praga, já muito doente, recebeu uma licença de saúde do trabalho de jurista e foi morar na propriedade de Zürau, dirigida por sua irmã predileta, Ottila. Foi no campo, com a “respiração diferente” e atento à gravidade da tuberculose pulmonar que deveria matá-lo (sua primeira hemoptise ocorreu em 1917), que ele se dedicou com afinco a esse tipo de escrita, que testemunha sua preocupação com a vida e a morte, lembrando pelo laconismo, ou então pela frase circunstanciada, o “protocolo kafkiano”, que coincide, em longa medida, com seu gosto pela narrativa breve (contos, novelas, parábolas), que vinca sua obra e, até certo ponto, supera, pela composição enxuta e muitas vezes rasante, os grandes romances do espólio.

Nesse período, Kafka absteve-se de escrever ficção, só voltando a ela bem mais tarde – o torso colossal de *O castelo*, por exemplo, foi redigido em seis meses em 1922, dois anos antes de sua morte.

O aspecto factual mais relevante dos *109 Aforismos reunidos*, aqui publicados, é que eles resultaram de uma seleção feita pelo autor, *depois de tê-los passado a limpo à mão*, com a evidente intenção de dá-los a público. Tudo indica que não houve tempo hábil para tomar essa decisão. A discrição de Kafka chegava a esse ponto e de certo modo explica sua tentativa (felizmente fra-cassada) de mandar o amigo Max Brod destruir os escritos não publicados em vida.

A base para este trabalho foi o volume *Beim Bau der Chinesischen Mauer und andere Schriften aus dem Nachlass* [Durante a construção da Muralha da China e outros escritos do espólio], incluído entre os 12 tomos da edição de bolso elaborada segundo os manuscritos originais da edição crítica das obras de Franz Kafka (organização de Hans-Gerd Koch, Frankfurt a. M.: Fischer Taschenbuch Verlag, 1994).

MODESTO CARONE

* *Dicionário etimológico da língua portuguesa*, 3. ed. Lisboa: Livros Horizonte, 1977. 5 v.5

AFORISMOS

1.

O verdadeiro caminho passa por uma corda que não está esticada no alto, mas logo acima do chão. Parece mais destinada a fazer tropeçar do que a ser percorrida.

2.

Todos os erros humanos são impaciência, uma ruptura precoce do que é metódico, uma aparente implantação daquilo que é aparente.

3.

Existem dois pecados capitais, dos quais todos os outros derivam: impaciência e indolência. Por causa da impaciência os homens foram expulsos do paraíso, por causa da indolência eles não voltam. Mas talvez só exista um pecado capital: a impaciência. Por causa da impaciência eles foram expulsos, por causa dela eles não voltam.

4.

Muitas sombras dos que morreram ocupam-se apenas em lam-ber as ondas do rio dos mortos, porque ele corre a partir de nós e ainda tem o gosto salgado dos nossos mares. O rio então recua de nojo, flui em sentido contrário e atira os mortos de volta à vida.

Estes, porém, estão felizes, cantam canções de graça e acariciam o fluxo indignado.

5.

A partir de certo ponto não há mais retorno. É este o ponto que tem de ser alcançado.

6.

O momento decisivo da evolução humana é permanente. Por isso estão certos os movimentos revolucionários do espírito que declaram nulo tudo o que veio antes, pois nada ainda aconteceu.

7.

Um dos meios de sedução mais eficazes do mal é a exortação à luta. É como a luta com mulheres, que termina na cama.

8-9.

Uma cadela de mau cheiro, que pariu numerosos filhotes, em parte já apodrecendo, mas que na minha infância era tudo para mim, que me segue fielmente o tempo todo, em quem não consigo bater, mas da qual, mesmo evitando seu hálito, eu me desvio indo para trás e que, se não me decido por alguma outra coisa, irá me empurrar até o canto já visível da parede, para se decompor totalmente em cima de mim e comigo – é uma honra que me dá? –, a carne purulenta e cheia de vermes da sua língua em minha mão.

10.

A. está muito cheio de si, julga-se bem adiantado na bondade, uma vez que – evidentemente como um objeto cada vez mais sedutor – se sente exposto a um número sempre maior de seduções, que até então lhe eram totalmente desconhecidas. A explicação certa, porém, é que nele se instalou um grande demônio, e uma infinidade de outros, menores, vem vindo para servir ao maior.

11-12.

Diferença das visões que se pode ter, por exemplo, de uma maçã: a visão do menino que precisa esticar o pescoço para ainda ver a maçã sobre o tampo da mesa e a do dono da casa, que pega a maçã e a estende livremente ao companheiro de mesa.

13.

Um primeiro sinal do início do conhecimento é o desejo de morrer. Esta vida parece insuportável, a outra, inatingível. A pessoa já não se envergonha mais de querer morrer; pede para ser levada da velha cela que ela odeia para uma nova, que só então aprenderá a odiar. Persiste um resíduo de fé durante a transferência se o senhor do lugar casualmente passar pelo corredor, avistar o prisioneiro e disser: “Este homem vocês não podem prender outra vez. Ele vai para a minha casa.”

14.

Se você estivesse cruzando uma planície com a firme intenção de ir em frente, mas andasse para trás, isso então seria desesperador; mas, uma vez que está escalando uma encosta íngreme, tão íngreme quanto você próprio visto de baixo, os passos para trás podem ser causados apenas pela condição do terreno e você não precisa se desesperar.

15.

Como uma trilha no outono: mal foi varrida, cobre-se outra vez de folhas secas.

16.

Uma gaiola saiu à procura de um pássaro.

17.

Neste lugar eu ainda nunca estive: a respiração é diferente e, mais ofuscante que o sol, brilha ao seu lado uma estrela.

18.

Se tivesse sido possível construir a torre de Babel sem escalá-la até o topo, ela teria sido permitida.

19.

Não deixe que o mal o faça acreditar que você poderia guardar segredos diante dele.

20.

Leopardos irrompem no templo e bebem até o fim os jarros de sacrifício; isso se repete sempre, sem interrupção; finalmente, pode-se contar de antemão com esse ato e ele se transforma em parte da cerimônia.

21.

Com tanta firmeza quanto a mão segura a pedra. Ela a segura firmemente, porém, só para atirá-la mais longe. Mas o caminho também leva àquelas distâncias.

22.

Você é a lição de casa. Por todos os lados, nenhum aluno.

23.

Do adversário de verdade flui uma coragem sem limites para dentro de você.

24.

Compreender a felicidade de que o solo sobre o qual você se mantém não pode ser maior que os dois pés que o cobrem.

25.

Como é possível alguém alegrar-se com o mundo, a não ser quando se refugia nele?

26.

Os esconderijos são inumeráveis, a salvação apenas uma, mas as possibilidades de salvação, por sua vez, são tantas quanto os esconderijos.

Existe um objetivo, mas nenhum caminho; o que chamamos de caminho é hesitação.

27.

Ainda nos impõem fazer o que é negativo; o positivo já nos foi dado.

28.

Uma vez incorporado o mal, não se exige mais que se acredite nele.

29.

O animal arranca o chicote das mãos do dono e chicoteia a si mesmo, sem saber que isso é apenas uma fantasia produzida por um novo nó na correia.

30.

Em certo sentido o bem não tem consolo.

31.

Não aspiro ao autocontrole. Autocontrole significa: querer atuar num ponto aleatório das irradiações infinitas da minha existência espiritual. Mas tenho de traçar estes círculos em torno de mim, por isso é melhor fazê-lo passivamente no puro espanto de admiração perante o imenso complexo e levar para casa apenas a força que, *e contrario*, essa visão oferece.

32.

As galhas afirmam que basta uma para destruir o céu. Não há dúvida quanto a isso, mas não prova nada contra o céu, pois os céus significam justamente: impossibilidade de galhas.

33.

Os mártires não subestimam o corpo, deixam que ele seja erguido na cruz, e nisso estão de acordo com os antagonistas.

34.

Sua exaustão é a do gladiador após a luta, seu trabalho foi cair o canto do escritório de um funcionário.

35.

Não existe um *ter*, somente um *ser* – apenas um ser que anseia pelo último alento, pela asfixia.

36.

Antes eu não entendia por que não recebia nenhuma resposta à minha pergunta, hoje não entendo como podia acreditar que era capaz de perguntar. Mas realmente não acreditava, só perguntava.

37.

Sua resposta à afirmação de que talvez tivesse posses, mas não existência, foi apenas tremor e taquicardia.

38.

Alguém se espantava com o fato de andar com facilidade pelo caminho da eternidade; na verdade, ele o percorria para baixo.

39.

Não se pode pagar o mal à prestação – e, no entanto, as pessoas tentam isso sem parar.

Seria concebível que Alexandre, o Grande, a despeito dos êxitos guerreiros de sua juventude, do excelente exército que formou, das forças que sentia dentro de si para mudar o mundo, tivesse estacado às margens do Helesponto e jamais o atravessado, na verdade não por medo, indecisão ou falta de energia, mas por causa da força da gravidade.

39a.

O caminho é infinito, não há nada a subtrair ou acrescentar e, no entanto, todos insistem na própria medida infantil. “Certa-mente você precisa percorrer mais esse côvado de caminho, isso não lhe será negado.”

40.

Só a nossa concepção de tempo nos faz nomear o Juízo Final com essas palavras; na realidade ele é um tribunal permanente.

41.

A desproporção do mundo parece ser, de maneira consoladora, apenas numérica.

42.

Permitir que a cabeça cheia de asco e ódio afunde no peito.

43.

Os cães de caça ainda brincam no pátio, mas a presa não lhes escapa, por mais que já dispare pelas florestas.

44.

É ridículo como você coloca arreios em si mesmo para este mundo.

45.

Quanto mais cavalos você atrela para o trabalho, tanto mais rápido ele anda, ou seja: não para arrancar os blocos de alicerce, o que é impossível, mas para rebentar as correias e, como resultado, a alegre viagem vazia.

46.

A palavra *ser* [*sein*] significa duas coisas em alemão: *estar-aí* [*Dasein*] e *pertencer-lhe* [*Ihm gehören*].

47.

Foi-lhes apresentada a opção de se tornarem reis ou mensageiros dos reis. À maneira das crianças, todos quiseram ser mensageiros. É por isso que existe um bando de mensageiros que correm pelo mundo e, uma vez que não há mais reis, bradam uns para os outros mensagens que perderam o sentido. Gostariam de pôr um fim à sua vida miserável, mas não ousam fazê-lo por causa do juramento de ofício.

48.

Crer no progresso não significa crer que ele já aconteceu. Isso não é crença.

49.

A. é um virtuose, e o céu, sua testemunha.

50.

O homem não consegue viver sem uma confiança duradoura em algo indestrutível nele mesmo, muito embora tanto o indestrutível como a confiança possam permanecer-lhe ocultos de maneira contínua. Uma das possibilidades dessa ocultação permanente é a crença em um Deus pessoal.

51.

A mediação da serpente era necessária: o mal pode seduzir o homem, mas não tornar-se homem.

52.

Na luta entre você e o mundo, apoie o mundo.

53.

Não se deve fraudar ninguém, nem mesmo o mundo por sua vitória.

54.

Não existe nada a não ser um mundo espiritual; o que chamamos de mundo dos sentidos é o mal no mundo do espírito, e o que chamamos de mal, apenas a necessidade de um instante em nossa eterna evolução.

Com a mais forte das luzes pode-se dissolver o mundo.

Diante de olhos fracos, ele se torna sólido, de olhos mais fracos, ele ganha punhos, de outros mais fracos ainda, ele fica envergo-nhado e esmaga quem ousa fitá-lo.

55.

Tudo é fraude: buscar o mínimo de ilusão, permanecer no nível usual, buscar o máximo. No primeiro caso, fraudar-se o bem, na medida em que se deseja tornar fácil demais sua conquista; o mal, na medida em que é colocado em condições de luta excessivamente desfavoráveis. No segundo caso, o bem é fraudado na medida em que não se luta para alcançá-lo, nem mesmo naquilo que é terreno. No terceiro caso, fraudar-se o bem na medida em que a esperança é torná-lo impotente com sua máxima intensificação. Seria preferível, nisso tudo, o segundo caso, pois sempre se fraudar o bem e não o mal; neste caso, pelo menos na aparência.

56.

Há questões que não poderíamos superar se não estivéssemos livres delas por nossa própria natureza.

57.

Só alusivamente a linguagem pode ser usada para tudo o que está fora do mundo dos sentidos, mas nunca comparativamente, nem mesmo de forma aproximada, uma vez que ela só trata, correspondendo ao mundo sensorial, da propriedade e de suas relações.

58.

Mente-se o menos possível só quando se mente o menos possível e não quando se tem a menor oportunidade possível para mentir.

59.

Um degrau de escada que não foi desgastado a fundo é, do seu próprio ponto de vista, apenas algo de madeira montado no ermo.

60.

Quem renuncia ao mundo tem de amar a todos os seres humanos, pois também renuncia ao mundo deles. A partir daí começa a pressentir a verdadeira essência humana, que não é outra coisa senão poder ser amado, pressupondo-se que esteja à altura disso.

61.

Quem, dentro do mundo, ama o próximo, não está mais nem menos certo do que quem, dentro do mundo, ama a si mesmo.

Resta só a pergunta sobre se o primeiro deles é possível.

62.

O fato de que não existe nada senão um mundo do espírito tira-nos a esperança e nos dá a certeza.

63.

Nossa arte consiste em sermos ofuscados pela verdade: a luz sobre o rosto horrível que vai recuando é verdadeira, de resto nada.

64-65.

A expulsão do paraíso, no seu principal aspecto, é eterna. É verdade também que essa expulsão é definitiva e que a vida no mundo, inevitável, mas, apesar disso, a eternidade do processo torna possível não só que continuemos continuamente no paraíso, como também que, na realidade, estejamos lá de forma duradoura, não importa se aqui temos ou não conhecimento disso.

66.

Ele é um cidadão livre e seguro da Terra, pois está atado a uma corrente suficientemente longa para dar-lhe livre acesso a todos os espaços terrenos e, no entanto, longa apenas para que nada seja capaz de arrancá-lo dos limites da Terra. Mas é, ao mesmo tempo, também um cidadão livre e seguro do céu, uma vez que está igualmente atado a uma corrente celeste calculada de maneira semelhante. Assim, se quer descer à Terra, a coleira do céu o enforca; se quer subir ao céu, enforca-o a coleira da Terra. Apesar de tudo, tem todas as possibilidades e as sente, recusando-se mesmo a atribuir o que acontece a um erro cometido no primeiro ato de acorrentar.

67.

Ele corre atrás dos fatos como um principiante em corrida de patins, que, além do mais, se exercita onde quer que seja proibido.

68.

O que pode ser mais alegre que a crença em um deus da casa?

69.

Teoricamente existe uma chance de felicidade plena: acreditar no que há de indestrutível em si próprio e não ter de lutar para alcançá-lo.

70-71.

O indestrutível é um só: cada indivíduo em particular o é, e ao mesmo tempo ele é comum a todos, daí a força sem paralelo da união indissolúvel entre os homens.

72.

Existem no mesmo ser humano conhecimentos que, a despeito da completa diferença entre eles, têm o mesmo objeto, de tal forma que só é possível concluir que há sujeitos diferentes no mesmo ser humano.

73.

Ele devora os despojos que caem da própria mesa; sendo assim, na verdade, fica por algum tempo mais satisfeito que todos, mas se esquece de comer à mesa; com isso, porém, deixam de cair no chão também os despojos.

74.

Se o que devia ser destruído no paraíso fosse passível de destruição, então isso não era decisivo; mas se era indestrutível, então vivemos numa falsa crença.

75.

Teste a si mesmo pela humanidade. Ela faz quem duvida duvi-dar, quem acredita, acreditar.

76.

O sentimento: “Aqui eu não ancore” – e imediatamente sente à sua volta as ondas da maré montante arrastando.

Uma reviravolta. À espreita, com medo, esperançosa, a resposta cerca a pergunta, examina desesperadamente seu sem-blante inacessível, segue-a pelos caminhos mais sem sentido, ou seja: os que se empenham em chegar ao lugar o mais distante da resposta.

77.

O convívio com os seres humanos atrai para a auto-observação.

78.

O espírito só fica livre quando deixa de ser um suporte.

79.

O amor sensual nos ilude sobre o amor celeste; sozinho, não poderia fazê-lo; mas pode, uma vez que tem dentro de si, inconscientemente, o elemento do amor sensual.

80.

A verdade é indivisível, portanto não pode ter conhecimento de si mesma; quem quer que diga conhecê-la está se referindo a uma mentira.

81.

Ninguém pode exigir o que, em última análise, o prejudica. Se uma pessoa em particular, afinal de contas, parece ser assim – e talvez existam sempre pessoas desse tipo –, isso se explica pelo fato de que alguém, no ser humano, exige algo que na verdade o beneficia, embora prejudique seriamente um segundo, em parte atraído para julgar o caso. Se a pessoa foi colocada logo de início, e não apenas na hora do julgamento, ao lado da segunda, então a primeira teria desaparecido aos poucos e com ela a exigência.

82.

Por que nós nos queixamos do pecado original? Não foi por sua causa que fomos expulsos do paraíso, mas por causa da árvore da vida.

83.

Não somos pecadores somente por termos comido da árvore do conhecimento, mas também porque ainda não comemos da árvore da vida. O estado em que nos encontramos é pecaminoso independentemente de culpa.

84.

Fomos criados para viver no paraíso, o paraíso estava destinado a nos servir. Nosso destino foi modificado; que isso tivesse acontecido também com a determinação do paraíso, não é dito em parte alguma.

85.

O mal é uma irradiação da consciência humana em certas situações de transição. Não é propriamente o mundo sensorial que é aparência, mas o mal que carrega consigo e, seja como for, cons-titui o mundo dos sentidos para os nossos olhos.

86.

Desde o pecado original fomos essencialmente iguais para conhecer o bem e o mal; no entanto, é exatamente neste ponto que buscamos nossas vantagens particulares. Mas é só além desse conhecimento que começam as verdadeiras diferenças.

A aparência recíproca é provocada pelo seguinte: ninguém consegue contentar-se apenas com o conhecimento, mas tem de lutar para agir de acordo com ele. Contudo, não lhe foi atribuída a força para fazer isso; em consequência, ele tem de se destruir, mesmo correndo o risco de não adquirir com isso o poder necessário, mas não lhe resta nada senão essa última tentativa. (É este também o sentido da ameaça de morte associada à proibição de comer da árvore do conhecimento; talvez também o sentido original da morte natural.) Ora, ele tem uma tentativa; prefere revogar o conhecimento do bem e do mal; (a expressão “pecado original” tem origem nesse medo) mas o que aconteceu não pode ser suprimido, apenas turvado. É com esse objetivo que as motivações vêm à tona; com efeito, todo o mundo visível talvez não seja outra coisa senão uma motivação do ser humano para sua vontade de descansar um momento. Uma tentativa de falsear o fato do conhecimento, para só então transformá-lo em objetivo a ser atingido.

87.

Uma fé como uma guilhotina, tão pesada e tão leve.

88-89.

A morte está diante de nós, pouco mais ou menos como um qua-dro da batalha de Alexandre na parede da sala de aula. O que interessa é obscurecer ou até borrar, com nossos atos, ainda nesta vida, essa imagem.

90.

Duas possibilidades: fazer-se infinitamente pequeno ou ser assim. A primeira é a perfeição, ou seja, a inação; a segunda, o início, a ação.

91.

Para evitar um equívoco verbal: o que deve ser ativamente destruído precisa antes ter sido sustentado com firmeza total; o que desmorona desmorona, mas não pode ser destruído.

92.

A primeira adoração dos ídolos foi sem dúvida o medo das coisas, mas também, relacionado com este, o medo da necessidade das coisas e, relacionado com isso, o medo da responsabilidade por elas. Essa responsabilidade parecia tão gigantesca, que nem mesmo se ousou impô-la a um único ser humano, pois, pela mera mediação de um ser, a responsabilidade humana não teria sido aliviada o suficiente, o convívio com um ser apenas teria sido contaminado de uma maneira mais profunda ainda pela responsabilidade; por isso, deu-se a cada coisa a responsabilidade por si mesma, mais: deu-se a essas coisas, também, uma medida da responsabilidade para o ser humano.

93.

Pela última vez, psicologia!

94.

Duas tarefas do início da vida: limitar seu círculo cada vez mais e verificar continuamente se você não está escondido em algum lugar fora do seu círculo.

95.

O mal às vezes está na mão como um instrumento conhecido ou desconhecido; se alguém tem vontade de fazer isso, ele pode ser posto de lado sem oposição.

96.

As alegrias desta vida não são as *dela*, mas o *nosso* medo de ascender a uma vida mais elevada; os tormentos desta vida não são os dela, mas o *nosso* autotormento por causa daquele medo.

97.

Só aqui o sofrimento é sofrimento. Não como se aqueles que aqui sofrem devam ascender a outro lugar em função desse sofrimento, mas no sentido de que aquilo que neste mundo se chama sofrimento, em outro mundo, inalterado e tão-somente libertado do seu oposto, é êxtase.

98.

A ideia da extensão e da plenitude infinitas do cosmos é o resultado da mistura levada ao extremo da criação laboriosa e da livre autorreflexão.

99.

Tão mais opressiva que a convicção implacável de nosso presente estado pecaminoso é a mais frágil convicção da antiga, eterna justificação de nossa existência temporal. Só a capacidade de suportar desta segunda convicção, que em sua pureza abrange completamente a primeira, é a medida da fé.

Muitos consideram que, ao lado da grande fraude primitiva, existe em cada caso particular uma pequena fraude especial, enxada em proveito próprio, do mesmo modo como, por exemplo, numa intriga amorosa, representada no palco, a atriz, além do falso sorriso para o seu amante, tem ainda outro, particularmente pérfido, dirigido a um espectador determinado na última fileira da galeria. Isso significa ir longe demais.

100.

Pode haver um conhecimento do que é diabólico, mas nenhuma fé nele, pois, mais diabólico do que está aí presente, não existe.

101.

O pecado sempre chega abertamente e pode ser captado logo pelos sentidos. Ele vai às raízes destes e não precisa ser arrancado.

102.

Todos os sofrimentos ao nosso redor nós também temos de sofrer.

Temos todos não um corpo, mas um estilo de crescer, o que nos faz atravessar todas as dores, seja nesta ou naquela forma. Assim como a criança evolui por todos os estágios da vida até a velhice e a morte (e cada estágio no fundo parece inalcançável ao anterior, na exigência ou no medo), do mesmo modo evoluímos (ligados não menos profundamente à humanidade do que a nós mesmos) por meio de todas as dores deste mundo. Nesse contexto, não existe lugar para a justiça, nem também para o medo da dor ou para a interpretação do sofrimento como um mérito.

103.

Você pode se conter diante dos sofrimentos do mundo – é algo que tem liberdade de fazer e corresponde à sua natureza, mas talvez seja esse autocontrole o único sofrimento que você poderia evitar.

104.

O ser humano tem livre-arbítrio, na realidade de três espécies: Primeiro, livre quando quis esta vida; agora, seja como for, já não pode revogá-la, pois não é mais aquele que antes a quis; seria livre, portanto, enquanto realiza a antiga vontade ao viver.

Segundo, ele é livre na medida em que pode escolher o modo de andar e o caminho desta vida.

Terceiro, é livre enquanto for aquele que outra vez será o que tem vontade de ir pela vida sob qualquer condição, para deixar que ela venha até você; na verdade, por um caminho passível de escolha, mas de qualquer maneira tão labiríntico que não deixa intocado qualquer pedacinho desta vida.

São estas as três espécies de livre-arbítrio, mas ele é também – uma vez que são coisas simultâneas –, no fundo, de uma só espécie, tanto que não há espaço para a vontade, seja ela livre ou sem liberdade.

105.

O meio de sedução deste mundo, bem como o signo de garantia de que ele é apenas uma transição, é uma e a mesma coisa. Com razão, pois só assim este mundo pode nos seduzir de uma forma que corresponda à verdade. O pior, no entanto, é que, depois da sedução bem-sucedida, nós nos esquecemos da garantia; foi dessa maneira, na realidade, que o bem nos atraiu para o mal, e o olhar da mulher, para a sua cama.

106.

A humildade oferece a todos, mesmo ao que se desespera na solidão, a relação mais forte com o semelhante, e na realidade, imediatamente, mas, com certeza, só no caso da humildade completa e duradoura. Ela é capaz disso por ser ao mesmo tempo a verdadeira linguagem da oração e a mais sólida das ligações. A relação com o semelhante é a relação da prece; a relação consigo mesmo, a relação do esforço para alcançar algo; a energia para esse esforço é extraída da oração.

Você pode conhecer outra coisa que não seja a fraude? Fosse ela um dia obstruída, você de modo algum poderia olhar para lá se não quisesse virar uma coluna de sal.

107.

Todos são muito amáveis com A., como quando se procura proteger cuidadosamente uma excelente mesa de bilhar, mesmo de bons jogadores – pelo menos até o momento em que chega o grande jogador, examina com precisão a superfície, não tolera nenhum erro precipitado, mas depois, quando ele próprio começa a jogar, tem o mais brutal acesso de fúria.

108.

“Mas depois ele voltou ao trabalho como se nada tivesse acontecido.” Essa é uma observação que nos é familiar de uma profusão de velhas histórias, muito embora talvez não tenha acontecido em nenhuma delas.

109.

“Não se pode dizer que estamos carentes de fé. O simples fato de nossa vida é, por si só, inesgotável em seu valor de fé.”

“Seria isso um valor de fé? Não é possível não-viver.”

“Já nesse ‘não é possível’ reside a força insana da fé; é nessa negação que ela assume sua forma.”

Não é necessário que você saia de casa. Fique junto à sua mesa e escute. Nem mesmo escute, só espere. Nem mesmo espere, fique totalmente em silêncio e sozinho. O mundo irá oferecer-se a você para o próprio desmascaramento, não pode fazer outra coisa, extasiado ele irá contorcer-se a seus pés.

FIM

Sobre o autor

FRANZ KAFKA (1883-1924), um dos escritores mais reverenciados do século 20, é autor de *A metamorfose*, *O processo* e *O castelo*.

Grande parte de sua obra foi lançada postumamente. Os *109 aforismos* foram publicados no primeiro número da ***Serrote***.

Sobre o tradutor

MODESTO CARONE (1937) é professor de literatura e autor de *Resumo de Ana* (Companhia das Letras, vencedor do Prêmio Jabuti de 1999). Como tradutor, notabilizou-se por ter vertido a obra de Kafka para o português.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, sP, Brasil)

Kafka, Franz, 1883-1924. Aforismos reunidos

(livro eletrônico) / Franz Kafka. Introdução e tradução de Modesto Carone. São Paulo : Instituto Moreira Salles, 2012.

(Clássicos serrote), 36 Kb, Pdf

1 Aforismos i Carone, Modesto. ii Título. iii Série.

Índices para catálogo sistemático 1. Aforismos : Literatura alemã 833

clássicos serrote

Walther Moreira Salles (1912-2001)

comissão editorial

Alice Sant'Anna, fundador

Daniel Trench (diretor de arte).